

## DIÁRIO DE UMA VIAGEM: percorrendo a estrada em busca do passado<sup>1</sup>

Márcia Tavares\*

### Resumo

Neste artigo, tento esquadrihar as memórias de três amigas, viúvas, com idade de 84, 86 e 88 anos, durante uma viagem à sua cidade natal, Alegrete, onde percorrem a casa onde viveram, o museu que guarda fotos de parentes ilustres, o cemitério onde descansam entes queridos, mas também relembram pessoas, revolvem sentimentos adormecidos e tentam reconstituir o passado através de fotos tiradas na praça em que vivenciaram seus primeiros amores, na casa onde o primeiro filho nasceu, ao mesmo tempo em que se ressentem diante das mudanças encontradas, a casa que, demolida, não foi localizada, o mercado que “diminuiu” de tamanho, o que contribui para emaranhar o fio de suas memórias. O estudo das gerações possibilita a releitura das mudanças contidas nas formas de reprodução da vida social, tanto os ritmos como os critérios de sociabilidade que balizam a tessitura dessas relações. Gênero e geração são alguns dos elementos que estruturam as relações sociais e, enquanto categorias analíticas nos oferecem uma maior compreensão da vida social, na medida em que atuam como filtros que revelam diferenças e similitudes, tensões e alianças, onde se entrelaçam subjetividades e identidades distintas e voláteis, que descortinam diferentes trajetórias. Por isso, considero importante recuperar a memória do vivido através dos relatos orais dessas mulheres, que podem nos ajudar a compreender não só suas trajetórias de vida como a forma com que processam o envelhecimento.

**Palavras - chave:** Gênero; Geração; Envelhecimento; Memórias.

### Abstract

In this article, I try to review the memories of three friends, widows, aged 84, 86 and 88 years, during a trip to their hometown, Alegrete, where they travel over the house where they have lived, the museum that contains photos of illustrious relatives, a cemetery where loved ones rest, but they also remember people, they stir up asleep feelings and try to reconstitute the past through photos taken in the square where they experienced their first love, in the house where the first child was born, at the same time they resent the discovered changes, the house that, demolished, was not located, the market that "diminished" in size, everything that contributes to entangle the thread of their memories. The study of generations makes possible the re-reading of changes contained in the forms of social life reproduction, both the sociability rhythms and criteria that guide the texture of these relations. Gender and generation are some of the elements that structure social relations and, as analytical categories, offer us a greater understanding of social life, insofar as they act as filters that reveal differences and similarities, tensions and alliances, where different and volatile subjectivities and identities are intertwined, that reveal different trajectories. Therefore, I consider it important to recover the memory of the experienced in life through the oral reports of these women, that can help us to understand not only their life trajectories but also how they process aging.

**Key – words:** Gender; gender; generation; aging; memoirs.

<sup>1</sup> Este artigo consiste em versão revisada e ampliada de trabalho apresentado no XVII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Porto Alegre, no período de 20 a 23 de julho de 2015.

\* Professora da Universidade Federal da Bahia – UFBA no Curso de Serviço Social do Instituto de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher, Gênero e Feminismo; pesquisadora associada do NEIM.

**ARRUMANDO AS MALAS:** reminiscências de uma viagem anterior

*A louca agitação das vésperas de partida!*  
[...] *Só existe no mundo esta grande novidade:*

*VIAJAR!...*

Mário Quintana

Neste artigo, proponho-me a revisitar as memórias de três mulheres, Laura, Luzia e Odete, viúvas octogenárias, residentes na capital sergipana, impulsionadas pelo regresso à cidade natal, que aqui nomeio de Alegrete<sup>2</sup>, em minha companhia. Digo revisitar, pois não é a primeira vez que me debruço sobre as memórias de Laura e Luzia que, faz alguns anos, confidenciaram-me suas histórias de amor vivenciadas na juventude que, até aquele momento, mantinham-se resguardadas na memória e, por meio de suas narrativas, ganharam revivescência.

Naquela ocasião, Laura ainda não era viúva e, talvez por isso, mostrou-se apreensiva quanto ao anonimato e, ao longo da entrevista, solicitou-me, algumas vezes, para “arrumar, ajeitar” sua história, pois temia que familiares ou o marido pudessem reconhecê-la. Luzia, ao contrário, recém-viúva, sentia-se livre para revelar sua história amorosa, que nunca confessara a ninguém e até então se mantinha enclausurada nos escaninhos da memória, por respeito ao marido.

Decerto, não ignoro que a memória é seletiva e possui a capacidade de reelaborar o passado tal qual nos apraz, ora armazena lembranças ora produz esquecimentos, tomando como parâmetro o tempo presente, ou seja, ao falar do passado, fala-se do agora, desde o presente no passado. Em outras palavras, Laura e Luzia revolviam o antes, direcionando suas narrativas para determinados aspectos e coisas, enquanto se esqueciam de outras. Naquele momento, destaquei que:

No processo de rememoração de fatos ou acontecimentos que marcaram a trajetória dos sujeitos, passado e presente se entrecruzam; as lembranças pessoais são reconstituídas sob as bases de um presente que é social, ou seja, são submetidas a uma seleção;

esquece-se de determinados aspectos, amplia-se outros a embelezar a narrativa, em consonância com o momento presente e com as circunstâncias, lugares e pessoas com quem a memória será reavivada. As lembranças ganham novas formas no presente, ainda que falem do passado, isto é, a narrativa consiste em recriação de uma história que, vivificada com outros matizes, desata as tramas da memória (TAVARES, 2008, p. 35).

Por outro lado, Halbwachs (1990) pondera que a memória individual não é isolada, encerrada em si mesma, uma vez que se materializa através de palavras, ideias assimiladas no meio em que vivemos e, por isso mesmo, encontra-se sujeita a uma dimensão espaço-temporal. A memória pessoal traduz um ponto de vista acerca da memória coletiva, ou seja, as recordações pessoais evocam a memória do grupo, conferindo um sentido de pertencimento ao indivíduo. Todavia, cabe reforçar que, se a memória pessoal é influenciada pela memória coletiva, ela é redesenhada por atravessamentos de gênero, raça/etnia, geração e classe social à qual a pessoa pertence, entre outros dispositivos, que são assimilados por ela de forma única, singular. As percepções de mundo, os saberes e valores que cada pessoa abraça, suas escolhas e experiências de vida a refazem permanentemente, imprimindo a sua marca pessoal. Conforme esclarece Bosi (1989, p. 413):

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade e múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado.

Contudo, cabe lembrar que Kofes e Piscitelli (1997), respaldadas em Perrot (1984), argumentam que a memória é acionada diferentemente, de acordo com os itinerários percorridos por cada indivíduo. Por isso, as autoras recomendam, para recriação de trajetórias de vida com base em narrativas orais ou escritas, a apropriação da noção de experiência, partindo do princípio de que os sujeitos não são passivos, mas ativos e pensantes, ou seja, “a experiência pode ser comunicada porque não implicaria apenas em ações e

<sup>2</sup> Laura, Odete e Luzia são nomes fictícios que adotei no artigo “Nosso amor de ontem: até que a morte nos separe?!”, em que me debruço sobre suas memórias afetivas (TAVARES, 2008), enquanto Alegrete é o nome da cidade onde nasceu o poeta Mário Quintana, cujos versos escolhi para epígrafe deste artigo e, tomo emprestado para nomear a cidade em que nasceram as três amigas.

sentimentos, mas também em reflexões sobre ações e sentimentos” (id., p. 345).

Neste sentido, tanto o controle sobre a memória como a maneira de Laura e Luzia construírem suas narrativas foram diferentes. Laura desfiou suas recordações, sentada em uma cadeira de balanço, os pés a compassarem a fronteira entre o passado e o presente, o olhar escondido sob óculos escuros a me furtar o indizível, “foi só isso, mas as outras coisas...”, ao lado da melhor amiga e confidente, Odete, que tomou como testemunha para conferir autenticidade à história relatada<sup>3</sup>. Já Luzia optou por evocar suas memórias solitariamente, através de um relato escrito, que nomeou de “diário”, em que se permitiu registrar sentimentos e sonhos até então inconfessáveis, elegendo-me como destinatária, cuja distância a isentava de julgamentos.

As lembranças mais caras, tanto para Laura como para Luzia, mostraram-se de ordem sensorial – o barulho e a fumaça de um trem que evocava despedidas, a música que tocava no auto-falante da praça, dedicada pelo antigo amor, a cor de um vestido usado no primeiro encontro ou numa festa e uma mancha carmim de batom descoberta na gravata do namorado.

As histórias narradas por Laura e Luzia guardam semelhanças, elas recordam juras secretas de amor, mãos entrelaçadas e beijos roubados no banco da praça, mas também intrigas, ciúmes e traição, a que atribuem o rompimento do namoro com o homem amado. Todavia, a moral e os bons costumes vigentes nas primeiras décadas do século XX descortinam outro motivo: o destino reservado às “moças de família” era o matrimônio, a maternidade e a dedicação ao lar e à família. Assim, aquelas com idade superior a 20 anos e sem esperança de se casarem enfrentavam cobranças sociais, eram impelidas a abandonarem flertes inconsequentes e sublimarem sonhos românticos, em busca de um pretendente que reunisse as qualidades indispensáveis a marido, ou seja, um “bom partido”, alguém que lhes oferecesse estabilidade, segurança e

capaz de desempenhar o papel de provedor econômico da futura família<sup>4</sup>.

Embora os namorados reunissem algumas dessas qualidades, Gumercindo ainda era estudante e Francisco arrimo de família, o que os impedia de cumprirem a etapa seguinte ao namoro, o noivado, que anunciava a seriedade de suas intenções, isto é, o compromisso com o casamento. Tal qual no poema drummondiano<sup>5</sup>, Laura amava Gumercindo e se casou com Carlos, enquanto Luzia contraiu matrimônio com outro Francisco, “bons rapazes”, compreensivos e que lhes ofereciam segurança econômica, cumprindo, assim, as expectativas da sociedade. Com efeito, ao refletir sobre suas narrativas, ponderei que:

O casamento simboliza a felicidade do destino cumprido. A compreensão, paciência e companheirismo dos maridos as conquistam. Constrói-se um amor-amigo entre pares que compartilham afinidades e interesses, ou seja: para o marido reservam sua afeição, enquanto o amor é transferido para os filhos e netos. Dessa forma, mantêm-se fiéis ao amor-paixão da adolescência... (TAVARES, 2008, p. 43)

Laura e Luzia conquistaram o ideal de felicidade feminino desenhado pela moral dominante nas primeiras décadas do século XX, segundo a qual uma mulher não poderia ser feliz ou tornar outras pessoas felizes sem o casamento (PINSKY, 2000). Assim, alcançam o “objetivo” de vida reservado às boas moças de família, o matrimônio e, através dele, exercitam a vocação natural das mulheres – mãe, esposa e dona de casa. Todavia, o amor da adolescência, conforme me confidenciaram, jamais foi esquecido e, guardam no relicário da memória, enquanto “vida tiverem”. Talvez porque, como enfatiza Pollak (1989, p. 11), ao refletir sobre a reconstituição das memórias de uma mulher deportada residente em Berlim, “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação”.

Por sua vez, Delgado (2012) enfatiza uma questão importante nesse campo de investigação, em suas narrativas, os velhos se definem como uma geração

<sup>3</sup> Pollak (1989), ao refletir sobre memória, esquecimento e silêncio, observa que o controle da memória determina a escolha de testemunhas autorizadas, as quais atuam como prova incontestável da veracidade dos fatos relatados.

<sup>4</sup> Sobre papéis e futuros predestinados que induziam as escolhas pessoais nos chamados “anos dourados”, ver, por exemplo, PINSKY (1996; 2000; 2014).

<sup>5</sup> Refiro-me ao Poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade, em que as/os personagens não se casam com as pessoas por quem eram apaixonadas/os.



social e, buscam, principalmente, estabelecer um comparativo do “seu tempo” com o “tempo de hoje”, de modo a nuançarem mudanças que esse tempo provocou em seu mundo social e cultural, o que também parece lhes conferir propriedade para aconselharem as gerações mais jovens a lutarem pelo que querem em vez de acatarem como elas os valores normativos. Conforme ponderei ao refletir sobre as primeiras narrativas de Laura e Luzia (TAVARES, 2008, p. 43):

Laura e Luzia, no resgate de suas memórias, ao contrastarem passado e presente, não identificam continuidades; ressaltam novos valores e sistemas normativos, deslocamentos posicionais que não compreendem, porque contrariam o que aprenderam sobre o certo e o errado. Contudo, se suas narrativas enfatizam o estranhamento acerca dos padrões que balizam as relações amorosas nas últimas décadas, também sugerem a interpenetração desses novos sistemas normativos, quando repensam comportamentos e atitudes do passado e aconselham os mais jovens a ‘resolverem sua situação’, ou seja, não fazerem o mesmo que elas.

O estudo das gerações possibilita a releitura das mudanças contidas nas formas de reprodução da vida social, tanto os ritmos como os critérios de sociabilidade que balizam a tessitura dessas relações. Gênero e geração são alguns dos elementos que estruturam as relações sociais e, enquanto categorias analíticas nos oferecem uma maior compreensão da vida social, na medida em que atuam como filtros que revelam diferenças e similitudes, tensões e alianças, onde se entrelaçam subjetividades e identidades distintas e voláteis, que descortinam diferentes trajetórias. De acordo com Britto da Motta e Weller (2010, p. 177), “a abordagem das relações sociais a partir das posições geracionais significa uma análise inescapável de trajetórias sociais no tempo; no tempo existencial dos indivíduos e no tempo social, coletivo e histórico, portanto, tanto de tendências à mudança como a permanências”.

De fato, Bento (2006, p. 168) pondera que nossa memória é contingente e, suscetível aos espaços sociais em que transitamos quando a evocamos. Então, considera demasiado simplista “afirmar que recordar é interpretar; deve-se ir além e apontar este ‘interpretar’ como um ato relacional, vinculando-o aos contextos em que são evocados”. Para a autora, as lembranças encerram tanto o individual como o social e, quando operadas, elaboram uma síntese que é sempre

transitória, sujeita a permanentes e contínuas interpretações e reinterpretações.

Neste sentido, cerca de oito anos depois, não hesitei em aceitar o convite que Laura, Luzia e Odete me fizeram para acompanhá-las a Alegrete, contra a vontade das filhas e filhos, que queriam contratar um motorista, preocupados com a falta de segurança nas estradas, o risco de acidentes, o desconforto e a duração da viagem que poderiam fatigá-las. Entretanto, nenhum argumento conseguiu demovê-las da ideia de viajarem apenas comigo, “não quero ninguém ouvindo nossas conversas e depois contando, vamos só com Marcinha”, como carinhosamente me chamava Laura.

Conforme enfatiza Tomson (1997), compomos nossas reminiscências para conferir sentido à nossa vida passada e presente. *Composição* é um termo cuja ambiguidade se mostra adequada para descrever o processo de ‘construção’ de reminiscências, em que empregamos as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura. Assim, no próximo tópico, tentarei recuperar minhas próprias reminiscências, construídas ao longo de nossas conversas e, compor um (des)enredo para a nossa viagem.

**VIAGEM NO TEMPO:** quando ontem se tornou hoje

*“Velho? Mas como?! Se ele nasceu de novo na manhã de hoje...”*

Mário Quintana

Na véspera da viagem, foram muitos os preparativos para Laura, Luzia e Odete – a ida ao cabeleireiro para fazerem os cabelos e camuflarem os fios grisalhos e, à manicura, para esmaltarem as unhas com tons róseos e delicados. Ansiosas, consultavam o boletim meteorológico, para melhor escolherem a roupa com que iriam se reapresentar à cidade, depois de tanto tempo. Odete, com quem fiquei hospedada, pedia-me sugestões, separava roupas e acessórios, para logo mais abrir o guarda roupa e perscrutar novas combinações, ao mesmo tempo em que falava ao telefone com Laura e Luzia, planejava os detalhes da viagem, o que iriam levar na bagagem, a que horas pretendiam sair e onde

poderiam almoçar, enquanto eu, mera expectadora, acompanhava a crescente ansiedade das viajantes.

Na manhã seguinte, Luzia chegou cedo à casa de Odete e fomos buscar Laura, que já se encontrava à nossa espera na portaria do prédio, com uma das filhas, que veio até o carro e, entre risonha e preocupada com a sua “aventura”, pediu-me para ser cuidadosa, pois a mãe vinha sentindo dores nas pernas, mas, teimosa, recusara-se a adiar a viagem. Por isso, convencera uma amiga da família, Licinha, a nos acompanhar, caso ela necessitasse de uma ajuda.

A saída da cidade anunciava o início da odisséia protagonizada por Laura, Luzia e Odete, alheias à minha presença e à de Licinha, pareciam debutantes prestes a serem apresentadas à sociedade, mãos suadas, olhos extasiados, risos e palavras entrecortadas, que teciam ponto a ponto os fios da memória, de dentro para fora e, à medida que nos aproximávamos de Alegrete, entrelaçaram-se com o silêncio ensimesmado de Laura, cujo movimento reverso, explicou: “eu não estou mais aqui, já cheguei lá...”

Ao entrarmos na avenida principal de Alegrete, pediram-me para reduzir a velocidade, escrutinaram mudanças, o armazém que não mais existia, as casas onde elas viveram na adolescência que não conseguiram localizar, a cidade, antes pequena, com a avenida cheia de carros e, as tropas de burros, agora substituídas por caminhões que descarregavam mercadorias no mercado municipal, que “diminuiu” de tamanho, o que gerou desapontamento e fez com que Laura, Luzia e Odete se sentissem perdidas naquele lugar. Desse modo, seguimos adiante, rumo à Praça da Igreja Matriz.

Lins de Barros (2011) está correta quando afirma que a paisagem urbana e seus marcos consistem em uma chave de partida para uma narrativa. No caso de Laura, Luzia e Odete, a chave foi a Praça da Igreja Matriz, que parecia conservar as palmeiras, o coreto e os mesmos bancos onde tantas vezes se sentaram. Assim, o tempo pareceu retroceder, enquanto as três amigas circulavam

a praça e, lado a lado, percorriam uma retreta imaginária. Ao sentarem no banco, juntinhas, traziam um sorriso, enquanto o olhar, saudoso, procurava alhures: “Lembra, Odete, daquele vestido que Madrinha Josefina fez para a gente? Era todo bordado. Nós nos vestíamos com roupas iguais, até pensavam que a gente era irmã. Uma vez Noélia pediu emprestado e quando devolveu estava estragado”.

A entrada na Igreja revelou-me o banco da Baronesa, mãe de Gumercindo que, separado dos demais assentos, demarcava sua posição social, indicativo da estratificação social presente na sociedade local, o que pode ter contribuído para desqualificar Laura como possível eleita à esposa, pois o matrimônio entre pessoas de classes sociais diferentes implicava em expulsão do círculo de pertencimento (FÁVERI, 1999). Como a confirmar minhas suspeitas, a praça trazia o nome do Barão de Quintino<sup>6</sup>, que custeara a reforma da Igreja no início do século XX, cuja casa, também situada na praça, distinguia-se das demais pelo conjunto arquitetônico, em que esculturas e arabescos incitavam a minha imaginação, assim como uma pequena casa contígua, projetada para hospedar o pároco da Igreja. Minha lente fotográfica, cativada, tentava capturar a beleza que, agora, rivalizava com fios da rede elétrica e anúncios fixados nos postes e muros vizinhos.

Ainda na praça, encontramos a casa em que Luzia passara a sua lua de mel com Francisco, filho natural do Coronel Aureliano Buendía<sup>7</sup> que, embora bem-criado por sua esposa, D. Cacilda, não desfrutava do *status* da família, razão pela qual não houve restrições ao casamento com a filha do proprietário de um alambique. “Por ser morena, eu ajudava meu pai a armazenar os fardos de bacalhau que chegavam, atendia os fregueses, lavava as garrafas e ajudava a preparar a cachaça, ao contrário de minha irmã que, por ser branca e loura, parecia a Shirley Temple<sup>8</sup>, era mais frágil, delicada e não aguentava trabalho pesado”. Luzia reproduz os construtos que, baseados em características fenotípicas, ainda hoje atribuem uma especialização de cor que

<sup>6</sup> O título nobiliárquico e o nome dos personagens foram alterados para preservar-lhes o anonimato.

<sup>7</sup> Para preservar o anonimato do personagem, aqui tomo emprestado o nome atribuído por Gabriel Garcia Márquez ao Coronel do romance “Cem Anos de Solidão”.

<sup>8</sup> Shirley Temple foi uma famosa estrela mirim de Hollywood, nos anos 1930, cujos cachos dourados a tornavam uma “pequena princesa”, título de um dos filmes protagonizados pela atriz, que inspirou muitas mães à época.

reserva às mulheres brancas atividades mais leves e inserção qualificada no mercado de trabalho, enquanto as mulheres negras as substituem na realização dos afazeres domésticos (TAVARES, 2005). Mais uma vez, minha lente guarda a imagem da casa, que seria compartilhada com o filho mais velho, que ali fora concebido: “Vou mostrar a José Alcides e, na próxima vez, ele vem comigo”.

Em seguida, seguimos para o final da praça, de onde podíamos avistar a casa da sogra de Odete, Dona Bernadete que mudara de dono, agora abrigava um posto médico e encontrava-se novamente à venda. Alguns moradores, curiosos com a nossa presença, esclareceram que o posto estava fechado para o almoço, motivo pelo qual não poderíamos visitá-lo, acrescentando que o pomar que existia nos fundos da casa fora transformado em um condomínio fechado de casas, que Odete e suas acompanhantes relutaram em visitar. Laura, cujo olhar percorre uma ladeirinha estreita que margeia o posto, reaviva mais uma lembrança: “Lembra, Odete?”

Quando adolescentes, Laura e Odete, todo dia depois do almoço, durante as férias escolares, iam comer doce na casa de D. Mocinha, que tinha capineiras<sup>9</sup> nas proximidades e, numa dessas ocasiões, ouviram o grito de um boiadeiro alertando sobre um boi bravo que se desgarrara da manada. Ao avistar o boi, vendo o portão aberto da casa de D. Lucia, funcionária da farmácia, Laura não hesitou e entrou, o boi em seu encalço. Sem alternativa, Laura empurrou a porta do quarto, flagrando D. Lucia e Seu Reginaldo, proprietário da farmácia e casado com D. Celina, interrompendo a cópula dos amantes. Entre gargalhadas, Laura, Luzia e Odete, contam que, indignados, somente se deram conta do ocorrido ao ouvirem o barulho do boi dentro de casa. Reginaldo abriu rapidamente a porta dos fundos e tangeu o boi em direção à capineira, enquanto Odete, pálida e assustada, saía à rua, onde os moradores e familiares já se aglomeravam, eles também testemunhas do adultério, ou melhor, da prerrogativa das chamadas “liberdades masculinas”<sup>10</sup> que, naquele tempo, contavam com a conivência e consentimento tácito da

sociedade, mas também foram assunto das conversas de calçada e chacotas que ultrapassaram as fronteiras de Alegrete.

Diante do cansaço e do adiantado da hora, dirigimo-nos para um dos restaurantes da cidade, também localizado na praça. Mas, percebi que Laura, Luzia e Odete faziam sinais umas para as outras e, entre risinhos, escondiam-se atrás de um dos carros estacionados, enquanto olhavam curiosas para um senhor que saía de um automóvel e, amparado por um rapaz, entrava em um dos sobrados. Quem era? Conforme me contaram, Nestorzinho “até que era bonitinho, flertou com Luzia, mas, está tão acabado...” e, dando as costas para Nestorzinho, novamente posaram sorridentes para minha lente, as imagens capturadas uma prova incontestante do seu acordo com o tempo.

Com efeito, no restaurante, procuraram conhecidos, questionaram à proprietária sobre amigos e parentes, somente naquele momento percebendo que as pessoas ali presentes pertenciam a outras gerações. Laura soube de uma prima que ainda residia na cidade, mas cujo endereço não conseguiu localizar, alguns amigos que migraram para outros estados, outros que estavam doentes ou arredios e, evitavam receber visitas.

Seguimos então para uma volta pela cidade, chegamos ao Memorial, prédio que guarda a história de Alegrete e, enquanto aguardávamos a vinda da diretora, Laura, que andava com dificuldade, preferiu visitar a madrinha no cemitério local, que ficava ao lado, explicando-me que a tia fora muito boa, quando a mãe a deixou para ir atrás do pai que as abandonara e, depois adoeceu. Enquanto isso, Odete e Luzia, passos rápidos, dirigiram-se à casa de uma parenta que residia nas proximidades.

A diretora do Memorial, Vânia, para surpresa nossa, era filha de uma prima de Odete e, acompanhou-nos durante a visita, ela também curiosa para ouvir daquelas testemunhas novas histórias que poderiam ampliar as informações contidas nos registros do memorial. De sala em sala, fomos percorrendo as fotos de homens e mulheres, que serviram para o enquadramento de novas memórias: Luzia-Homem<sup>11</sup>, que se vestia com trajes masculinos e adotava comportamentos tidos como viris,

<sup>9</sup> Área de gramíneas que serve para alimentar o gado de corte.

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, Pinsky (1996).

<sup>11</sup> Aqui tomo emprestado o título do romance de Domingos Olímpio, publicado originalmente em 1903.



cuja foto, com um cigarro na mão, cabelo cortado rente, ao lado da companheira, insinuava amores homoafetivos, que rompiam com a ordem convencional de exercício da sexualidade à época, o que era considerado desvio, perversão e doença, uma vez que contrariavam a natureza. No entanto, os moradores da cidade, para não ameaçarem o modelo de casamento heterossexual, monogâmico e eterno, ensaiaram uma interpretação conciliatória, Luzia era homem, um grande amigo do futuro marido de Odete.

Nas primeiras décadas do século XX, o exercício da sexualidade feminina estava condicionado ao matrimônio e tinha um fim eminentemente procriativo. As mulheres que a exerciam livremente, de forma recreativa e autônoma, eram taxadas de mundanas, prostitutas, devassas, que ameaçavam as famílias devido à falta de recato, a exemplo de Geni, dona de uma pensão, que seduziu hóspedes, destruiu noivados e casamentos. “Lembra do caso daquele escritor?” Laura, Luzia e Odete contaram-me com detalhes a história de um escritor mexicano que, hospedou-se na pensão de Geni, enquanto desenvolvia uma pesquisa para um livro sobre o cangaço e, acordara certa noite com as carícias da proprietária, fato narrado em um programa televisivo pelo autor, alguns anos mais tarde, cuja entrevista porventura eu assisti. Tal comportamento, impróprio para uma mulher de respeito, conforme ressaltaram Laura, Luzia e Odete, trouxe consequências na velhice, Geni estava sozinha e, ameaçada pela senectude, queixava-se da vida, dizia coisas desconexas, entremeadas por palavras obscenas, o que alimentava falatórios na cidade, afastava-a do convívio de parentes e, até mesmo conhecidos a evitavam com receio de serem alvo de seus comentários ferinos.

<sup>12</sup> As moças namoradeiras eram malvistas e consideradas “fáceis”, rótulo que as acompanhava mesmo quando casadas, cujo comportamento causava desconfiança e era vigiado pelo marido e pela sociedade.

<sup>13</sup> A Procissão do Fogaréu era uma das atividades religiosas da Semana Santa, da qual somente participavam homens, que saíam com os rostos cobertos pelas ruas da cidade, iluminados por tochas, encenando a perseguição a Jesus Cristo, ritmada pelo som das matracas, um instrumento musical que também desempenhava a função de sinalizador, dada a sua capacidade de produzir som quando sacudido. Ver, por exemplo, Governo (2010). As procissões acontecem em várias cidades,

As histórias foram muitas, a cada foto revista: a imponência de D. Cacilda e do Coronel, cujos herdeiros se tornaram jogadores profissionais e dilapidaram a fortuna da família; o irmão de Gumercindo que exerceu um importante cargo na política; o jovem que se tornara uma pessoa pública, reconhecida nacionalmente, de cuja paternidade a população suspeitava – “a mãe era muito namoradeira<sup>12</sup>, dizem que o pai era o vizinho da frente, ele não era filho do barbeiro”; a procissão do Fogaréu<sup>13</sup>, que acompanhavam escondidas através das venezianas das janelas, assustadas com o som das matracas; as festas nas fazendas, quermesses, concursos de rainha<sup>14</sup> do milho, sempre ganhos por Laura, mais desinibida, enquanto Luzia participava das danças e declamava poemas, “lembra daquela vez que eu me fantasiei de cigana e li a mão dos rapazes?” e, Odete, mais tímida, que fez uma simpatia para saber o nome do futuro marido – perguntar o nome ao primeiro mendigo que encontrasse na porta da Igreja, “Niquin, isso lá era nome de gente? Insisti e ele confessou, o nome de batismo era Joaquim Dias, não é que era o nome do meu finado marido?”

A menção ao marido traz uma nova história, conforme as construções de gênero que modelavam os príncipes à época, Joaquim era mais velho que Odete, residira no Rio de Janeiro e, experiente, aparentava um futuro promissor, podendo desempenhar a função de provedor econômico da família. Elegante, o terno de linho branco impecável, cabelo negro assentado com brilhantina, olhos azuis e, um sorriso fácil<sup>15</sup> que trazia no rosto ao se aproximar de Alegrete, montado em seu alazão, vindo de Manoel Vitorino para visitar a eleita. Ao atravessar a Capivara, sentiu um forte cheiro de suor e perfume, que veio acompanhado por uma nuvem de poeira, indicando que o bando de Lampião<sup>16</sup> acabara de passar por ali. O

a exemplo de Goiás – GO; Oeiras – PI; Caxias – MA; São Cristóvão – SE; Paraty – RJ e Serrinha – BA.

<sup>14</sup> “Ser eleita Rainha ou ‘miss’ tinha um significado especial, que para as moças significava ser cortejada, e exercia aí seus poderes de ‘boa fada’, mas também de quem podia fazer suas escolhas” (FAVERI, 1999, p. 81).

<sup>15</sup> Rodolfo Valentino, galã hollywoodiano, simbolizava o ideal de beleza masculina nas primeiras décadas do século XX, cuja “imagem combinava virilidade e sensibilidade, força do corpo e delicadeza dos gestos...” (SANT’ANNA, 2012, p. 108)

<sup>16</sup> Lampião, cangaceiro ora lembrado como bandido ora como herói, segundo Odete, costumava vigiar a cidade do alto da Ladeira da

silêncio da cidade, sepulcral, era rompido de tempos em tempos pela batida do ferreiro, Ramiro, que indiferente aos acontecimentos, continuava a malhar o ferro. Estranhando a ausência das pessoas nas ruas ou janelas, Joaquim indagou: “Onde está todo mundo?” Sem interromper o trabalho, Ramiro respondeu: “Lampião ameaçou invadir a cidade e todos foram se esconder na malhada de Seu Lula”. Joaquim dirigiu-se para lá, o bando de cangaceiros passou distante e, a invasão não aconteceu, ao invés dela, rapazes e moças acenderam fogueiras e, aliviados, comemoraram a vida em meio a risadas, brincadeiras e danças, sob os olhares zelosos de mães e pais alegretenses.

Encerrada a visita ao Memorial, era preciso registrar aquele raro momento, ou melhor, o encontro entre gerações de mulheres, umas mais novas, outras mais velhas que, juntas, bordavam um mosaico de histórias há muito esquecidas. Afinal, ao percorrerem o acervo fotográfico do Memorial, as fotografias ali expostas ofereceram às nossas narradoras a possibilidade de capturar algo que lhes pareceu infinitamente real e vívido.

**REVELANDO AS FOTOS:** para reavivar a memória

*“A memória tem uma bela caixa de lápis de cor”.*

Mário Quintana

As fotografias são tiradas para registrar acontecimentos, encontros, eventos e/ou momentos cuja importância pode ser efêmera. As lembranças e memórias estão fadadas ao esquecimento, pois as “fotografias viajantes” têm uma “curta vida visível”. Mas, fotografias selecionadas, organizadas e conservadas por pessoas podem atuar como “detonadores virtuais” para o ressurgimento de lembranças (BRUNO, 2013).

Com efeito, Lins de Barros (1989), ao refletir sobre a importância dos álbuns de família, afirma que estes servem para preservar os arquivos da memória familiar, mas jazem escondidos no alto de armários. Para a autora, o álbum é interpretado como uma narrativa de

memória e cada uma das fotos ali contidas fornece uma pista das lembranças e traz em si mesma uma versão provável da memória familiar.

No ato de lembrar, explica Lins de Barros, recorremos a campos de significados – os quadros sociais – que atuam como pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, constitutivas dos quadros sociais da memória, são essenciais para a rememoração do passado na medida em que a localização espacial e temporal das lembranças consistem na origem da memória. A autora (1989, p. 40) esclarece que:

A imagem não é senão o ponto de partida para essa viagem. para um despertar de uma memória de sentimentos e emoções. São estes, na verdade, os responsáveis pelo movimento do olhar que, selecionando, escolhe, elimina e estabelece, por fim, as melhores fotografias, aquelas mais fiéis à ideia que construímos da realidade.

Para Laura, Luzia e Odete, o retorno à cidade natal tanto despertou lembranças esquecidas como reavivou e conferiu um “sentimento de realidade” a lembranças guardadas, algumas esmaecidas e outras compartilhadas apenas entre si, impelindo-as à reconstituição do passado.

Transitarem pela praça e suas adjacências, visitarem a Igreja e o Memorial e, serem fotografadas por mim, assegurou reconhecimento às suas reminiscências, permitindo-lhes saciar o desejo de reviver a emoção e os sonhos de um amor inaudito, cujas imagens permaneciam inalteradas em suas mentes, reprisadas vezes sem conta, sem, no entanto, adquirem vida. Moreira Leite (1998), ao reler Proust, afirma: “O tempo fotográfico recompõe o tempo da memória, alheio ao tempo cronológico”. Em suma, as fotografias revertem o curso de suas memórias e transportam o amor do passado para o presente, revivendo-o.

Ao retornarmos, a excitação da visita esquecida, Laura, Luzia e Odete emolduravam as memórias, em silêncio, somente interrompido para expressarem agradecimentos por tê-las acompanhado e ouvido suas histórias, os quais se repetiram em telefonemas, enquanto não recebiam as fotos, que eu prometera enviar assim que ficassem prontas. Contavam aos filhos e filhas sobre a viagem, os lugares visitados e as pessoas

---

Montanha, cujas margens tinham muito mato, ameaçando invadi-la. Muitos fazendeiros o acoitavam e eram protegidos por ele e seu

bando, até que o cangaceiro foi alvo de uma emboscada em Angico/SE, onde o bando foi dizimado.



que tinham encontrado, mas, outras revelações guardavam para si.

Numa das minhas viagens a Gramado, encontramos e entreguei a cada uma delas um álbum fotográfico, que reunia as imagens da nossa viagem, ou seja, um álbum de memórias individuais. Emocionadas, repassaram as fotos, tatearam as imagens e, entre suspiros, rememoraram momentos vividos, lugares visitados e a celebração do vínculo afetivo que as une, sentimentos e emoções libertados. Ao final do encontro, dada a minha condição de confidente e aliada, Laura arditamente indagou, de modo a aguçar minha curiosidade: – “Será que um dia vamos voltar? Não deu tempo de ir ao Areal”. – “Areal? Que Areal?”

Ao que tudo indicava aquela ocasião, enquanto Laura, Luzia e Odete pudessem retornar a Alegrete, os fragmentos de lembranças, antes esparsos, realinhavam-se e, ao reunirem reminiscências do passado, os tons de suas memórias eram reavivados, artifício que as ajudava a driblar o esquecimento.

Todavia, não houve tempo para a viagem ao Areal, a dor na perna de Laura se revelou mais grave do que supúnhamos e, sem a sua presença cúmplice, Odete, Luzia e eu fomos instadas a lidar com a finitude. Na Missa de sétimo dia celebrada em sua homenagem, sentada ao lado de Luzia e Odete, eu me pus ouvinte silenciosa, enquanto capturava os comentários sussurrados por amigas que vinham cumprimentá-las e, como se o falecimento conferisse uma autorização tácita para a quebra de silêncio, também elas se reportavam ao grande amor vivido por Laura e Gumercindo, agora adornado de um matiz onírico.

Após o encerramento da cerimônia, o inesperado nos reservava uma surpresa, Ravena, uma das filhas mais novas de Laura, ofereceu-se para nos levar e à sua prima Helena em casa, mas, quando me dei conta, percorria o trajeto que fazia com a mãe todos os dias, ao cair da noite, pela avenida que margeava o mar, desde que esta adoecera, conforme me explicou quando, brincando, indaguei se esquecera nosso endereço. Nesse percurso de despedida, Ravena revisitou lugares, lembrou conversas e conselhos, mas também resgatou o amor de Laura e Gumercindo, prelúdio para, de forma

nostálgica, também revivificar sua própria história de amor, cujo enredo ensaiava um entreato de gerações, em que a prima encena o papel de testemunha e imprime veracidade incontestada à sua narrativa: “Lembra, Helena?”

Por ora, tomo emprestadas as palavras de Laura Esquivel (2013, p. 46-47):

Concluindo, imagens e palavras não devem perder sua qualidade de mediadoras entre o presente e o passado, entre nossa racionalidade e nossas emoções. Porque são o vínculo mais profundo e estreito entre o que sabemos e o que reconhecemos de nós mesmos. Porque geram emoções que se convertem em novas imagens e palavras. Porque criam memória em quem as vê ou as escuta... (tradução minha)

## REFERÊNCIAS:

- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1998.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. WELLER, Wivian. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010, p. 175-184.
- BRUNO, Fabiana. Imagem-escrita nas fotobiografias. Distância afetiva e silêncio imagético: a ausência das “aliadas” nas fotografias de noras e sogras. In: COPQUE, Bárbara; PEIXOTO, Clarice Ehlers e Luz, Gleice Mattos (orgs.). **Famílias em Imagens**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 129-142.
- DELGADO, Josimara. Memória, História de Vida e Envelhecimento. In: DELGADO, Josimara; FUSER, Bruno (orgs.). **A pesquisa com os idosos – Memória, gerações e produção cultural:** experiências e reflexões. Juiz de Fora: Juizforana, 2012, p. 23-44.
- ESQUIVEL, Laura. **El libro de las emociones**. Prisa Ediciones. (Punto de lectura). Barcelona: Espanha, 2013.
- FÁVERI, Marlene de. **Moços e Moças para um bom partido**. 2. ed. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

GOVERNO de Sergipe. Sergipe, Cultura e Diversidade (Conhecer, Reconhecer e Valorizar). Aracaju: Solisluna Editora, 2010. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/54925930/SERGIPE-CULTURA-E-DIVERSIDADE>. Acesso em 10 mar. 2015

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memória de “Histórias Femininas, Memórias e Experiências. In: **Cadernos Pagu**. – n. 8/9 –. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP, 1997, p. 343-354.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Memória e Família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989, p. 29-42.

\_\_\_\_\_. Memória, Experiência e Narrativa. **Iuminuras**, Porto Alegre, v.12, n. 29, jul./dez. 2011, p. 4-17.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. As transformações da imagem fotográfica. **Rev. Antropol.** [online]. 1998, vol.41, n.2, pp. 7-19. ISSN 0034-7701. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011998000200001>.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: revistas femininas e relações homem – mulher, 1945 – 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

\_\_\_\_\_. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 607-639.

\_\_\_\_\_. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Sempre Bela”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 105-125.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. – 4ª ed. rev. – Porto Alegre: Globo, 1983.

TAVARES, Márcia. Nosso amor de ontem: até que a morte nos separe?! In: **Oralidades: Revista História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ano 1, n. 1 (jan./jun. 2007) –. – São Paulo: NEHO, 2008, p. 29-45.

\_\_\_\_\_. Repensando a estruturação dos (pre)conceitos de gênero e etnia: um olhar sobre a condição da mulher negra no Brasil. In: **Fragmenta**. – v. 5, nº 7 –. Aracaju: Gutemberg, 2005, p. 37-48.

TOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Proj. História**, São Paulo, (15), abr. 1997, p. 51-84.